

Congresso de Havana se mobiliza

TARCISIO HOLANDA **Enviado Especial**

Havana — Teve o impacto de uma bomba sobre os espíritos dos mais de mil delegados presentes ao encontro de Havana, sobre a dívida externa, o anúncio de que multinacionais americanas ameaçaram o Peru de jogar no mercado mundial de metais, grandes quantidades de cobre, desovando seus colossais estoques para impor um aviltamento de preços e, assim, castigar aquele país se o presidente Alan García persistir na disposição de pagar a dívida externa apenas por parte, ou seja, 10 por cento da receita cambial oriunda do volume anual de exportações.

O líder do Partido Comunista Brasileiro na Câmara dos Deputados, Roberto Freyre, está articulando com as delegações de todos os países latino-americanos aqui representados, de esquerda e

sociais-democratas, uma declaração em Havana de franca solidariedade ao presidente do Peru. Ele argumenta que o encontro de Havana não pode se esgotar na retórica e sim partir para uma posição mais concreta contra "a agressiva posição do imperialismo, que agora se volta contra um político notoriamente moderado e social-democrata".

DIFICULDADES

Ao mesmo tempo circulou entre os delegados presentes que o serviço de informações dos Estados Unidos está distribuindo material informativo aos jornais do Rio, São Paulo, Brasília e todos os grandes centros urbanos da América Latina sobre a dívida externa contraída por Cuba, não com os Estados Unidos, mas com banqueiros europeus. Isso está sendo

considerado uma clara demonstração de que os Estados Unidos querem neutralizar os efeitos do encontro de Havana sobre a dívida externa.

O jornalista Hélio Fernandes, diretor da **Tribuna de Imprensa**, que está em Havana integrando a delegação brasileira, fez um discurso concitando o Brasil e os demais países latino-americanos devedores a dizerem aos banqueiros estrangeiros que só pagarão o que devem em 50 anos. O Brasil pagaria cerca de dois bilhões de dólares ao ano e doravante se reservaria o direito de discutir em detalhes o dinheiro que tomasse emprestado, não aceitando aquela cláusula que, muito freqüentemente, os bancos impõem aos tomadores e através da qual condicionam o empréstimo à compra de muitos equipamentos.